
SUGESTÕES PARA UM JOVEM PESQUISADOR

O estudioso da memória geralmente entrevista idosos dos quais se espera o rico testemunho de outras épocas.

O entrevistador precisa receber uma formação especial e compreender o depoimento como um *trabalho* do idoso. Poucos pesquisadores me parecem ter formação para tanto.

A experiência de muitos anos de orientação me permite chamar a atenção sobre alguns pontos: são o dia-a-dia das oficinas escuras da investigação, esses fundos de quintal onde se trabalha duro, mas onde ninguém vai depois que a casa está arrumada.

- Antes do encontro com o depoente, convém recolher o máximo de informações sobre o assunto em pauta para formular questões que o estimulem a responder. Uma consulta às publicações: jornais, revistas, músicas, livros, imagens, anedotas, enfim tudo o que terá feito o narrador vibrar na época que desejamos estudar.
- Se o local do encontro for a casa do depoente, estaremos mergulhados na sua atmosfera familiar e beneficiados pela sua hospitalidade.

Já tivemos a experiência de entrar na casa de um profissional qualquer e notar a mudança de atitude em relação à do escritório ou oficina. Ali se discutiam preços e serviços. Aqui se oferecem café e cordialidade.

Porém, na casa haverá interferência de familiares, o que pode enriquecer a entrevista, mas pode também prejudicá-la inibindo o narrador.

É de muito bom alvitre sair com ele, caminhar o seu lado nos lugares em que os episódios lembrados ocorreram (ruas, fábricas, bairros cuja transformação assistiu...)

Uma senhora que entrevistei levou-me a conhecer sua velha amiga, e a conversa entre as duas me foi proveitosa e agradável.

- A pré-entrevista, que a metodologia chama “estudo exploratório”, é essencial, não só porque ela nos ensina a fazer e a refazer o futuro roteiro da entrevista. Desse encontro prévio é que se podem extrair questões na linguagem usual do depoente, detectando temas promissores. A pré-entrevista abre caminhos insuspeitados para a investigação.
- A entrevista ideal é aquela que permite a formação de laços de amizade; tenhamos sempre na lembrança que a relação não deveria ser efêmera.

Ela envolve responsabilidade pelo outro e deve durar quanto dura uma amizade¹.

Da qualidade do vínculo vai depender a qualidade da entrevista.

1. Oscar Lewis revelou sobre a família Sanchez: “Foi essencialmente um sentimento de amizade que os levou a me contarem sua vida”. Amizade, diz Guimarães Rosa, é conversar desarmado. O entrevistador irá para a entrevista desarmado de signos de classe, de *status*, de instrução.

Se não fosse assim, a entrevista teria algo semelhante ao fenômeno da mais-valia, uma apropriação indébita do tempo e do fôlego do outro.

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas ditas importantes².

Ambos sairão transformados pela convivência, dotada de uma qualidade única de atenção. Ambos sofrem o peso de estereótipos, de uma consciência possível de classe, e precisam saber lidar com esses fatores no curso da entrevista.

Às vezes falta ao pesquisador maturidade afetiva ou mesmo formação histórica para compreender a *maneira de ser* do depoente. Somos, em geral, prisioneiros de nossas representações, mas somos também desafiados a transpor esse limite acompanhando o ritmo da pesquisa.

- Teremos que transpor, às vezes, enorme distância temporal entre o fato narrado e o acontecido, experiência sempre difícil devido às transformações ocorridas, sobretudo nas mentalidades.

O passado, a rigor, é uma alteridade absoluta, que só se torna cognoscível mediante a voz do narrador.

- Para empreendermos tal aventura, útil é nos munirmos como os etnólogos de um diário de campo, onde iremos registrando dúvidas e dificuldades. Nossas falhas, longe de serem um entrave, irão, se compreendidas, aplainar o caminho dos estudiosos que nos agradecerão por tê-las apontado.

2. Aqui, convém repetir a frase de Alain, mestre de Simone Weil: “As pessoas importantes não têm importância”.

- Confessar, em diálogo aberto, nossas dificuldades ao depoente, durante cada etapa do trabalho, fará com que ele acompanhe melhor o rumo da pesquisa e muitas vezes ajude a descobrir pistas facilitadoras.
- Sobre a distância temporal que nos separa do fato lembrado, teríamos ainda a considerar que o sujeito realiza uma ordenação pessoal. Essa ordenação obedece a uma lógica afetiva cujos motivos ignoramos; enfim, recontar é sempre um ato de criação.

Não nos depararemos com uma sucessão coerente de formas, mas com os tropeços da vida corrente. Nossa existência se inscreve no que Lukács chamou “ética dos instantes”, já que a vida é composta de momentos, a maioria dos quais vai se perder no puro nada. Alguns serão remidos pela memória, mas necessário é que esses pontos minúsculos *se configurem* no depoimento, em fisionomia social e humana para que se salvem da voragem do esquecimento.

Redimir o insignificante, o quase invisível, os instantes obscuros da História dessa “anarquia do claro-escuro”³ é nossa tarefa.

- Um *vol d’oiseau* sobre a evocação biográfica nos fará ver, como numa tapeçaria, um mosaico de áreas mais ou menos densas, mais ou menos ligadas, algumas abandonadas, outras cultivadas amorosamente. E pontos privilegiados, como torres ou marcos, focos de atração na paisagem.

O pesquisador muitas vezes encontrará, nessa divisão subjetiva do tecido da lembrança, constantes universais: são os

3. G. Lukács, *L’âme et les formes*, Paris, Gallimard, 1974.

marcos em que os signos sociais se concentram apoiando a memória individual⁴.

- Existem fronteiras, limites que terão que ser transpostos de uma área para outra com as tensões e conflitos que acompanham a passagem: do lar para a escola, da vida juvenil para o casamento e a profissão... da vida em família para a solidão...

Veremos que a mobilidade espacial tem relação com a afetiva, e que há defasagens entre a ordenação interna do relato e a seqüência de acontecimentos. E há passagens borradas de difícil restauração.

Mas, em geral, uma *intenção* configura a narrativa, orienta seu fluir dinâmico. Ela pode ser vista como um todo antes de ser segmentada pelo analista. Porque o sujeito aspira constantemente à totalidade, à plenitude de sua pessoa e sua história, mas a sociedade absorve do indivíduo somente aquele tanto que pode ser integrado no funcionamento social⁵.

- Simmel delineou o que chama de *cultura subjetiva*, que se situa na sombra quase inalcançada pelo historiador; reino dos sonhos, afetos, imagens, impressões, intuições... Não são as formas que ficaram, objetivas e transmitidas pelo aprendizado, comuns a uma época, aquelas de que o indivíduo precisa para se comunicar.

Mas, se nos quisermos aproximar da esfera que resiste ao formato social, registremos atentos as hesitações e silêncios do

4. M. Halbwachs, *La mémoire collective*, Paris, PUF, 1956.

5. G. Simmel, *On Individuality and Social Forms*, The University of Chicago Press, 1908.

narrador. Os lapsos e incertezas das testemunhas são o selo da autenticidade. Narrativas seguras e unilineares correm sempre o perigo de deslizar para o estereótipo. Existem evoluções obscuras nas representações coletivas, mal conhecidas pelos contemporâneos porque elas se situam aquém de uma consciência formalizada⁶.

Não há, afirma com razão Vovelle, métodos fáceis para reconstituir uma cultura popular: ela é uma história tecida de silêncios, uma vez que pertenceu sempre às classes dominadas.

George Sand como socialista que era, recolheu em 1846 contos e lembranças de infância de trabalhadores que ela encorajou a dizer suas memórias. Em pleno positivismo escreve: “aqueles que têm alucinações são tipos humanos muito reais e as maravilhas do sonho são sempre atos humanos cuja supressão na história, anularia o sentido mesmo da história”.

Nos idosos, as hesitações, as rupturas do discurso não são vazios, podem ser *trabalhos da memória*. Há situações difíceis de serem contadas já que pareceram absurdas às próprias vítimas delas.

O eclipse da palavra advém da destruição:

- do espaço biográfico das vítimas,
- da própria pessoa,
- da sua memória.

Disse o soldado nazista ao prisioneiro de Auschwitz: “– Nenhum de vocês restará para testemunhar, e mesmo que alguém escape, o mundo não acreditará nele”.

Insisto na formação do pesquisador que vai entrevistar o idoso. Quando a narrativa é hesitante, cheia de silêncios, ele não

6. M. Vovelle, *Idéologies et mentalités*, Paris, La Découverte, 1985.

deve ter pressa de fazer interpretação ideológica do que escutou, ou de preencher as pausas⁷.

Proust comparava a memória intelectual e elaborada aos quadros dos maus pintores: ela pinta o passado com cores sem verdade.

A fala emotiva e fragmentada é portadora de significações que nos aproximam da verdade. Aprendemos a amar esse discurso tateante, suas pausas, suas franjas com fios perdidos quase irreparáveis⁸.

Ao silêncio do velho seria bom que correspondesse o silêncio do pesquisador. Aprendizagem difícil porque vivemos num moinho de palavras e citações que se apóiam comodamente no discurso ideológico.

O silêncio na pesquisa não é uma técnica, é como que o sacrifício do *eu* na entrevista que pode trazer como recompensa uma iluminação para as ciências humanas como um todo.

* * *

- Lidando continuamente com o esquecimento e a perda, precisamos ter consciência de nossos limites.

Qual versão de um fato é a verdadeira? Nós estávamos e sempre estaremos ausentes dele. Não temos, pois, o direito de refutar um fato contado pelo memorialista, como se ele estivesse no banco dos réus para dizer a verdade, somente a verdade. Ele, como todos nós, conta a *sua* verdade.

7. Talvez seja vocação das ciências humanas esse não ter pressa, uma vez que elas procuram deter o ritmo das operações das técnicas, interrogando sobre meios e fins.
8. Pesquisadores de campo, somos hamletianos, desconfiamos do discurso desenvolvido, sem lastro. Estamos sempre à procura do que está ainda inexpresso e do que hesita em ser capturado pela interpretação.

Ser inexato não invalida o testemunho, diferentemente da mentira, muitas vezes exata e detalhista.

Vivemos numa sociedade a quem foi roubado o domínio do tempo, marcada pela descontinuidade⁹.

A narrativa é sempre uma escavação original do indivíduo, em tensão constante contra o tempo organizado pelo sistema. Esse tempo original e interior é a maior riqueza de que dispomos.

- O depoimento deve ser devolvido ao seu autor. Se o intelectual quando escreve, apaga, modifica, volta atrás, o memorialista tem o mesmo direito de ouvir e mudar o que narrou. Mesmo a mais simples das pessoas tem esse direito, sem o qual a narrativa parece roubada.

E mais ainda: as fitas gravadas deveriam ser escutadas pelo grupo da mesma região, ou testemunhas do mesmo evento.

Essa escuta grupal é uma experiência prazerosa e iluminadora para o velho que pode confrontar suas lembranças com as dos companheiros. Ele vai querer, a partir daí, discutir os pontos comuns, transcender as lembranças pontuais pela totalidade de que ele é uma figura singular.

As causas históricas aparecem para a consciência e começa então uma leitura crítica dos documentos.

Mas a leitura crítica tem que ser determinada por um projeto. O passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar.

A memória deixa de ter um caráter de *restauração* e passa a ser memória *geradora* do futuro. É bom lembrar com Merleau-

9. A descontinuidade marca, segundo Melucci, nosso desenvolvimento fatigante (*sviluppo faticoso*). A. Melucci, *Passaggio d'epoca*, Milão, Feltrinelli, 1994.

Ponty que o tempo da lembrança não é o passado mas o futuro do passado¹⁰.

A nostalgia revela sua outra face: a crítica da sociedade atual e o desejo de que o presente e o futuro nos devolvam alguma coisa preciosa que foi perdida.

O limite para o qual tende a memória narrativa é a transição da nostalgia para um “horizonte de espera”, na feliz expressão de Paul Ricoeur.

Os historiadores são como surdos, dizia Tolstoi, respondem perguntas que ninguém lhes fez.

Vamos tentar responder a perguntas que nos fazem aqui e agora.

10. M. Merleau-Ponty, *Phénoménologie de la perception*, Paris, Gallimard, 1945.

Ecléa Bosi



**O TEMPO VIVO
DA MEMÓRIA**

Ensaio de Psicologia Social

Æ

Ateliê Editorial

2ª edição

Copyright © 2003 Ecléa Bosi

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.02.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, da editora.

1ª edição, 2003

2ª edição, 2004

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Bosi, Ecléa

O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia
social / Ecléa Bosi. – São Paulo: Ateliê Editorial,
2003.

Bibliografia.

ISBN 85-7480-151-8

1. Memória – Aspectos sociais 2. Psicologia
social I. Título. II. Título: Ensaios de Psicologia
social.

03-0250

CDD-302

Índices para catálogo sistemático:

1. Memória: Psicologia social 302

Direitos reservados à

ATELIÊ EDITORIAL
Rua Manuel Pereira Leite, 15
06709-280 – Granja Viana – Cotia – SP
Telefax: (11) 4612-9666
www.atelie.com.br

2004

Printed in Brazil

Foi feito o depósito legal